

MÚSICA & BOÊMIA

A AUTO-BIOGRAFIA PERDIDA
DE CATULO DA PAIXÃO CEARENSE



GONÇALO JUNIOR
ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO

ROBERTA SAMPAIO
PREPARAÇÃO

Noir



★
NATUREZA
MÚSICA
POESIA

EX-LIBRIS DE CATULO DA PAIXÃO CEARENSE

MÚSICA & BOÊMIA

A AUTO-BIOGRAFIA PERDIDA
DE CATULO DA PAIXÃO CEARENSE

Organização e apresentação: Gonçalo Junior

Preparação: Roberta Sampaio

Ilustração da capa: Pacheco

Projeto gráfico: André Hernandez

Impressão e acabamento: Bartira Gráfica

Editora Noir

Praça da Sé, 21 cj 410

CEP 01001-000

São Paulo – Brasil

editoranoir.com.br

facebook.com/editoranoir

contato@editoranoir.com.br

© 2017 Editora Noir – Todos os direitos reservados
Permitida a reprodução parcial de texto ou de imagem,
desde que citados os nomes da obra e do autor.

N7

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária: Maria Isabel Schiavon Kinasz, CRB9 / 626

Cearense, Catullo da Paixão
C387 Música e Boemia/A auto-biografia perdida de Catullo da Paixão
Cearense; organização de Gonçalo Silva Júnior - 1.ed. – São Paulo: Editora Noir, 2017.
252p.; 21cm

ISBN 978-85-93675-07-2

1. Poesia brasileira. 2. Cearense, Catullo da Paixão, 1863-1946. 3.
Compositores – Brasil - Biografia. I. Silva Junior, Gonçalo (org.). II. Título.

CDD 927.8 (22.ed)
CDU 92:78

1ª impressão: primavera de 2017





LUAR DO SERTÃO

*Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão
Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão*

*Oh! que saudade do luar da minha terra
Lá na serra branquejando folhas secas pelo chão
Este luar cá da cidade tão escuro
Não tem aquela saudade do luar lá do sertão*

*Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão
Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão*

*Se a lua nasce por detrás da verde mata
Mais parece um sol de prata prateando a solidão
E a gente pega na viola que ponteia
E a canção e a lua cheia a nos nascer do coração*

*Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão
Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão*

*Mas como é lindo ver depois por entre o mato
Deslizar calmo, regato, transparente como um véu
No leito azul das suas águas murmurando
E por sua vez roubando as estrelas lá do céu*

*Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão
Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão*

A PRESENTAÇÃO

MEMÓRIAS NOTÁVEIS



NÃO é preciso ler mais que um capítulo deste livro para se apaixonar perdidamente pela escrita e pela pessoa do maranhense Catulo da Paixão Cearense (1863-1946) – não apenas o poeta, o compositor, o violonista, o cantor de serenatas e de recitais. E o passo seguinte provável será o desejo de conhecer seus livros de poesia popular – difíceis de serem encontrados – e ouvir ao menos as mais conhecidas das dezenas de músicas que fez sozinho e em parceria. Ou, ainda, correr ao Youtube para matar a saudade de “Luar do sertão” (nas vozes de Luiz Gonzaga e Maria Bethânia, entre outros) e “Flor amorosa” (na voz de Francisco Carlos ou no bandolim de Jacob), “Ontem, ao luar” (Marisa Monte) e “Caboca di Caxangá” (Paulo Tapajós). E se perguntar como um artista tão genial – e importante, principalmente – caiu no mais absoluto esquecimento.

Por isso, Catulo renasce, mais uma vez, nas páginas deste volume, que não é uma biografia no sentido mais convencional, formal, rigoroso do termo. Não há precisão de datas e locais. São memórias, sim, autobiográficas – publicadas em 31 capítulos na revista literária “Vamos ler!”, entre 4 de fevereiro e 14 de outubro de 1943. Mas não têm ordem cronológica. Sequer falam de sua infância, de seus pais, de seus irmãos, dos anos difíceis depois da mudança para o Rio de Janeiro. Até nos casos

em que relata suas próprias experiências, quase sempre dá pistas vagas de quando aconteceu. Mesmo assim, o leitor percebe que tudo se passou nas duas últimas décadas do século XX e nas duas seguintes.

Quando Catulo fala do contato com presidentes da República no momento em que exerciam o poder, fica mais fácil precisar – basta checar as datas. Esse detalhe, no entanto, não tira o valor histórico deste livro, difícil de ser mensurado em sua importância como documento histórico. Mais que qualquer coisa, com sua prosa altamente refinada e bem-humorada, vinda do dom de um excepcional contador de casos, o autor registrou percepções, sensações, impressões e, claro, fatos que considerou relevante em sua vida de artista popular – cantor e poeta, nessa ordem. Fez isso ao mesmo tempo em que procurou reforçar, o tempo todo, que a verdade lhe pertencia. Ou seja, tudo aqui contado por ele deve ser visto como fatos absolutamente verdadeiros. Se são mesmo, Catulo certamente teve uma das vidas mais movimentadas e fascinantes de sua época.

Não há rigor na estrutura, quando observados os textos em seu conjunto. A não ser algumas características em comum. Catulo optou, em primeiro lugar, por centrar cada capítulo em uma pessoa – talvez o melhor termo seja “personagem” – com quem conviveu por algum tempo e vivenciou experiências marcantes, em meio a farras e histórias inesperadas, situações absurdas, quase surreais – e, em alguns casos, dedica a um só nome mais de uma crônica ou “palestra”, como ele chamou seus escritos. Foi o caso de José do Patrocínio, que abre a série.

Ao mesmo tempo, a cachaça Parati jorra por estas páginas, como a correnteza de um rio. Talvez, por isso, um bom título para este volume fosse “Memórias da farra” ou “Memórias alcoólicas”. Só que não seria suficiente ou completo, pois Catulo vai além da boemia e de suas experiências em noitadas de bebedeiras e cantorias.

A partir de casos vividos e protagonizados, esse artista tão singular e influente em seu tempo constrói um rico painel da vida boêmia carioca, marcada pela presença dominante dos gêneros musicais choro e modinha nas festas públicas e particulares, principalmente. Em todas, claro, Catulo era ou se tornava a atração principal – quando aparecia sem ser convidado. E, quase sempre, protagonizava episódios hilários, que beiram o realismo fantástico, gênero, aliás, que só chegaria à literatura brasileira e latino-americana a partir da década de 1930 – no Brasil, o pioneiro nesse segmento foi o mineiro Murilo Rubião (1916-1991). Estão aqui os relatos de tipos que driblaram a morte ou tinham dons de curandeirismo.

Como era um trovador, elogiado violonista e talentoso cantor, além de seresteiro convicto, Catulo estava, muitas vezes, no centro das atenções por onde circulava. Tinha orgulho de se autodenominar o maior de todos os poetas populares vivos, com seu estilo fanfarrão e mal-humorado. Todos o conheciam de vista, saudavam-no nas ruas, o reverenciavam como um grande artista “do povo”, de modos simples, porém dono de uma obra que orgulhava todos. No seu cotidiano, era o seresteiro beerrão, que andava como gato vira-lata, sem dono, pela madrugada, a fazer serenatas debaixo das janelas das donzelas, depois de longos porres com a turma da boemia – apaixonados em desespero sempre recorriam a ele e sua trupe de músicos, a implorar ajuda para conquistar a moça virgem desejada.

O leitor percebe com facilidade que os certos e supostos “exageros” e as pitadas de humor que marcam todas estas crônicas biográficas são apenas um modo de Catulo da Paixão Cearense enfatizar passagens marcantes em sua vida. E dão ao interlocutor um enorme prazer, o deleite da leitura, da crônica como tem de ser – memorialista e divertida. Ao dizer, por exemplo, que Afonso Arinos o levou para conhecer um casal de italianos com 134 anos de idade cada um, quer dizer que eram duas pessoas bastante idosas. Acreditava, certamente, na inteligência do leitor para perceber isso. Deveriam ter cada um, marido e mulher, uma centena de anos. Não satisfeito com a coincidência desses dois terem nascido no mesmo dia, afirma que foi na mesma hora. Poderia ter dito que tinham nascido um para o outro, tamanha a cumplicidade entre os dois. Se há mentira ou exagero aí, não tem relevância alguma.

Catulo jamais daria brecha para questionarem seus escritos. Tinha inimigos demais à sua espreita, como urubus que assistem, sem pressa, o desabar da presa. Quase sempre, foi generoso em tudo que disse sobre amigos e desafetos. Até para lembrar de quem, com ele, teve atritos, rasgava o sujeito de elogios antes. “Esse brilhante jornalista sempre antipatizou comigo”, afirma ele, ao se referir ao “ex-amigo” Medeiros e Albuquerque. Em alguns casos, para não ofender, preferiu não citar nomes. Mas não poupou os inimigos, cujas identidades foram integralmente ditas, sem cerimônias.

O poeta e cantor ou o cantor-poeta revela, enfim, uma vida rica e intensa, mas que parecia relegada às páginas envelhecidas de “Vamos ler!”, publicadas há quase 75 anos. O convite para escrever veio do seu amigo e admirador Vieira de Mello, então diretor da prestigiada publicação. “Vamos

ler!” circulou entre 1936 e 1948, mantida pelo grupo A Noite, jornal que tinha sido incorporado pela ditadura Vargas e passou a ser bancado com recursos públicos. Era uma revista com predominância do tema literatura, embora possuísse pequenas colunas de música, rádio, teatro e cinema, quase sempre de apenas duas páginas. Trazia contos de autores clássicos ilustrados por nomes importantes como J. Carlos, Théo, Mendez, Belmonte, Thiré, Renato Silva, Álvaro, Pacheco e outros. Entre 1939 e 1941, publicou uma série de reportagens de Jorge Amado sobre cidades turísticas do mundo e lançou os primeiros textos jornalísticos e de ficção de Clarice Lispector.

Por nove meses, Catulo apareceu semanalmente, sempre às quintas-feiras, com suas narrativas nostálgicas, mas não saudosistas – jamais comparou ou reclamou do progresso, das novidades tecnológicas como o cinema, o rádio e o disco –, as quais, na época, tornaram-se sensação na revista. Em algumas edições, porém, não foram publicadas suas memórias, como se percebe na sequência cronológica em que são aqui apresentadas. Não houve lacunas nas pesquisas e todas as edições que não traziam a crônica de Catulo foram checadas rigorosamente. Até a publicação do último capítulo, em outubro. As eventuais interrupções se deram sem qualquer aviso ao leitor e, ao que parece, aconteceram por causa de problemas de saúde do autor.

Mesmo após quase oito décadas de vida, Catulo focou suas histórias no período de glória de sua carreira como cantor de modinhas e tocador de choros, quando desfrutava da fama dos seus primeiros livros de poesias e das toadas e modinhas de sua autoria, que começavam a ser gravadas, com a chegada da indústria do disco no Brasil. Sem querer, ao fazer isso, deixou como legado um precioso depoimento sobre a vida social e cultural do Rio de Janeiro dos primeiros anos da República, período que antecedeu à reforma urbana da capital, promovida pelo prefeito Pereira Passos, a partir de 1906.

O detalhismo de suas descrições das ruas, das casas em dias de festas populares e dos encontros, a citação da culinária, da impressionante tradição dos saraus em dias de celebração familiar e da prática secular da serenata pulsam em seus textos, mais de um século depois de terem acontecido, em sua maioria. E, como foi dito, não é preciso ler mais que um trecho para se apaixonar pela figura fascinante de Catulo. Mas, antes que essa introdução se torne um novelo sem ponto final, é importante conhecer um pouco de sua vida para situar melhor suas histórias antes de lê-las.



INTRODUÇÃO

UM MESTRE DA NARRATIVA ORAL



A Festa, LP de 1981 de Luiz Gonzaga que trazia Luar do Sertão como a primeira música do lado A.

COUBE a Luiz Gonzaga (1912-1989) transformar “Luar do sertão” na mais conhecida composição de Catulo da Paixão Cearense nos últimos setenta anos. A música já fazia parte, havia bastante tempo, do imaginário popular quando ele a gravou. O primeiro registro de que se tem notícia é de 1910, na voz de Mário Pinheiro (1880-1921), na Odeon. Em fevereiro de 1914, Eduardo das Neves (1874-1919) – pai do músico Cândido das Neves (1899-1934), autor de “Noite cheia de estrelas” – e coro a gravaram em disco, também na Odeon, cuja matriz recebeu o número 120.911.

Os demais registros importantes se deram a partir de 1935, nas vozes de Francisco Alves, Vicente Celestino, Singing Babies, Olga Prager, Paraguassu, Stelinha Egg, entre outros. Até o final da década de 1960, somavam-se mais de cem gravações diferentes de “Luar do sertão”, diversas de caráter ligeiro, em transcrições feitas até mesmo para serem interpretadas por cantores líricos. Em 1971, a toada ganhou registro inescusável de Paulo Tapajós (1913-1990), que seria reconhecido como um dos mais expressivos intérpretes de Catulo – na verdade, na década de 1950, ele tinha gravado um disco de dez polegadas com os oito maiores sucessos do poeta.